

CRÓNICA DE
UM VENDEDOR
DE SANGUE
YU HUA

RELÓGIO D'ÁGUA



Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
fax: 218 470 775
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

Copyright © 1995 by Yu Hua

Título: Crónica de Um Vendedor de Sangue
Título original: *Xu Sanguan mai xue ji* (1996)
Autor: Yu Hua
Tradução (a partir do original chinês) e notas: Tiago Nabais
Revisão de texto: Vanessa Domingos
Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com)

© Relógio D'Água Editores, fevereiro de 2017

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-702-4

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.
Depósito Legal n.º 421648/17

Yu Hua

Crónica de Um Vendedor de Sangue

Tradução e Notas de
Tiago Nabais

Ficções / Autores Chineses

TERCEIRO CAPÍTULO

O trabalho de Xu Sanguan consistia em empurrar um carrinho repleto de suaves casulos sob o alto telhado da fábrica. Todos os dias trocava risinhos com as muitas raparigas que ali trabalhavam, cujo som se misturava com o ressoar da maquinaria. Muitas vezes, elas esticavam o braço para lhe dar palmadas na cabeça ou leves empurrões no peito. Se, entre elas, escolhesse uma para ser a sua mulher, para se aconchegar com ele debaixo da colcha nas noites de neve no inverno, a escolhida seria Lin Fenfang, aquela rapariga com uma trança até à cintura. Tinha sardas e quando ria deixava à mostra dentes brancos e direitos. Xu Sanguan sentia que, caso pudesse olhar para aqueles grandes olhos até ao fim dos seus dias, teria uma vida agradável. Lin Fenfang também costumava dar-lhe palmadas na cabeça e empurrões no peito. Uma vez, de forma furtiva, beliscou-lhe as costas da mão. Nesse dia Xu Sanguan não teve alternativa senão dar-lhe os casulos de melhor qualidade e, a partir daí, teve de continuar a passar-lhe os melhores casulos.

Havia outra rapariga bonita que trabalhava numa pequena banca de comida. Todas as madrugadas estava junto a uma grande panela de óleo a fritar farturas. Soltava frequentemente sonoros “ai, ah!” Se pingas de óleo a ferver lhe saltavam para a mão, se descobria uma nódoa na roupa, se escorregava na rua ou se reparava que tinha começado a chover ou ouvia um trovão, largava sempre um: “Ai, ah...”

Esta rapariga chamava-se Xu Yulan. O seu trabalho terminava com o final da manhã e passava o resto do dia a passear pela rua de

forma despreocupada. Era comum vê-la a ir e vir, trincando sementes de abóbora, até parar quando se cruzava com alguém conhecido. Falava em voz alta e soltava valentes gargalhadas, acompanhadas de sucessivos “ai, ah” e, às vezes, com cascas de sementes nos lábios. Quando abria a sua grande boca para falar, quem passasse por perto tinha a felicidade de sentir o aroma florido que emitia.

Depois de algumas voltas pela rua, acabava sempre por ir dar à porta da sua casa. Assim, entrava em casa, mas passados dez minutos voltava a sair, não sem antes trocar de roupa, e continuava a passear pelas ruas da cidade. Em um só dia andava com três mudas de roupa diferentes, mas, na verdade, possuía apenas aqueles três conjuntos. Usava também quatro pares de sapatos todos os dias, pois só tinha esses quatro pares. Quando se acabava a variedade na sua roupa, punha um lenço de seda em volta do pescoço.

Apesar de não ter mais roupa do que as outras pessoas, todos pensavam que era a rapariga mais na moda e com o maior guarda-roupa da cidade. Os seus passeios faziam com que, para a generalidade das pessoas, a sua beleza fosse tão familiar como o rio que atravessava a cidade. Começaram então a chamar-lhe Xishi⁴ das faturas... “Vejam, vem aí a Xishi das faturas.” “A Xishi das faturas foi à retrosaria, todos os dias vai lá comprar belos tecidos.” “Não, a Xishi das faturas olha para muitas coisas, mas não compra nada.” “A cara da Xishi das faturas cheira tão bem.” “As mãos da Xishi das faturas são feias, são pequenas e tem os dedos muito grossos.” “É aquela a Xishi das faturas?”

A Xishi das faturas era então Xu Yulan. Um dia caminhou por duas ruas na companhia de um jovem chamado He Xiaoyong. Andaram, conversando e rindo, até chegarem a uma ponte de madeira, onde ficaram algum tempo até ser já noite escura. He Xiaoyong vestia uma camisa branca com as mangas arregaçadas e, enquanto falava e sorria, mantinha sempre uma mão pousada sobre o outro pulso. Este gesto cativava Xu Yulan. Ao vê-lo, os olhos daquela bela rapariga brilhavam intensamente.

Uns dias depois, He Xiaoyong foi visto a passar em frente da casa de Xu Yulan. Ela estava nesse momento a sair do quarto e, ao vê-lo passar, soltou um “ai, ah”, sorrindo em seguida e dizendo:

“Entra e senta-te um pouco.”

Quando He Xiaoyong entrou, o pai de Xu Yulan estava sentado à mesa a beber licor de arroz. Ao ver um jovem desconhecido a entrar atrás da filha, o seu rabo saltou da cadeira e fez de imediato um convite:

“Bebes uma taça?”

Depois desse dia, He Xiaoyong passou a vir muitas vezes a casa de Xu Yulan para se sentar com o pai dela. Ficavam os dois a beber licor de arroz e a falar em voz baixa. Quando riam, tentavam também fazê-lo de forma discreta. Xu Yulan vinha então junto deles e gritava:

“Estão a falar de quê? De que é que estão a rir?”

Nesta altura Xu Sanguan regressou da aldeia, chegando à cidade já depois de escurecer. Naqueles tempos as ruas da cidade ainda não tinham iluminação elétrica, havia apenas algumas lanternas a lume penduradas nas calhas dos telhados das lojas, que iluminavam pedaços da rua, deixando o resto imerso na escuridão. Xu Sanguan caminhava na direção de casa, atravessando estas ruas ora escuras ora iluminadas, até passar pelo teatro, onde viu Xu Yulan. A Xishi das faturas estava junto à entrada, entre duas lanternas. Trincava sementes de abóbora e, refletindo a luz das lanternas, a sua face ostentava um forte brilho encarnado.

Depois de passar por ali, Xu Sanguan voltou para trás e parou do outro lado da rua, sorrindo enquanto via como os lábios da rapariga estalavam ao cuspir a casca das sementes. Xu Yulan reparou também em Xu Sanguan. Passou primeiro os olhos por ele, mas fez o olhar flutuar na direção de outros dois homens que passavam pela rua. Voltou depois a olhar na sua direção, virando-se em seguida para o interior do teatro, onde um homem e uma mulher discutiam sobre uma peça de teatro. Quando voltou a cabeça viu que Xu Sanguan ainda ali estava.

“Ai, ah!”, disse finalmente Xu Yulan, que, apontando para ele, continuou: “O que estás a fazer a olhar assim fixamente para mim? E ainda te ris?”

Xu Sanguan atravessou a rua e aproximou-se daquela cara avermelha pelo reflexo das lanternas. Disse:

“Quero convidar-te para comer *xiaolongbao*.”

Xu Yulan respondeu: “Eu não te conheço.”

“Chamo-me Xu Sanguan e trabalho na fábrica de seda.”

“Continuo a não te conhecer.”

“Eu conheço-te”, disse, sorrindo, Xu Sanguan, “és a Xishi das faturas.”

Xu Yulan soltou um riso envergonhado e disse:

“Também sabes isso?”

“Não há ninguém que não saiba... Vamos, ofereço-te uma dose de *xiaolongbao*.”

“Hoje já estou cheia”, respondeu Xu Yulan com um sorriso na cara, “convida-me para comer *xiaolongbao* amanhã.”

No dia seguinte, à tarde, Xu Sanguan levou-a ao restaurante Vitória. Sentaram-se na mesa junto à janela, a mesma onde tinha comido fígado de porco e bebido licor de arroz na companhia de Ah Fang e Gen Long. Tal como tinham feito naquele dia, Xu Sanguan deu uma vigorosa palmada na mesa enquanto gritava para o empregado:

“Uma dose de *xiaolongbao*!”

Depois de comer os *xiaolongbao*, Xu Yulan disse que ainda tinha vontade de comer uma tigela de *huntun*. Xu Sanguan deu outra palmada na mesa:

“Uma tigela de *huntun*!”

Por entre risinhos e sorrisos, naquela tarde Xu Yulan comeu ainda ameixas de conserva e, como tinha a boca salgada, alguns doces e, como tinha a boca seca, Xu Sanguan comprou-lhe também meia melancia. Estavam os dois na ponte de madeira quando comeu a melancia e, pelo meio de mais risinhos, vieram-lhe valentes soluços. Enquanto o seu corpo tremia do soluçar, Xu Sanguan fez as contas ao que tinha gasto durante a tarde.

“Os *xiaolongbao* foram dois *jiao* e quatro *fen*; a tigela de *huntun* foi nove *fen*; os doces, fui comprar duas vezes e custaram ao todo dois *jiao* e três *fen*; meia melancia, pesava três *jin* e quatro *liang*, custou um *jiao* e sete *fen*; tudo isto dá um total de oito *jiao* e três *fen*... Então, quando é que te casas comigo?”

“Ai, ah!”, gritou Xu Yulan, “porque haveria de me casar contigo?”

Xu Sanguan respondeu: “Já me custaste oito *jiao* e três *fen*.”

“Tu é que convidaste”, disse por entre os soluços Xu Yulan, “pensava que era oferta, não disseste que se comesse aquelas coisas teria de casar contigo...”

“Qual é o problema de casares comigo?”, disse Xu Sanguan. “Depois de casarmos vou tomar bem conta de ti. Vamos ter muitas tardes como esta, em que gasto oito *jiao* e três *fen* em petiscos para ti.”

“Ai, ah”, voltou a gritar Xu Yulan, “se casar contigo nunca voltarei a gastar tanto dinheiro em comida, porque isso será, na prática, gastar o meu dinheiro, não pode ser... Se soubesse que ia ser assim, já não tinha comido nada hoje.”

“Também não é preciso ficar com remorsos”, consolou Xu Sanguan, “casa comigo e fica tudo bem.”

“Não posso casar contigo, eu tenho um namorado. O meu pai também não iria concordar, pois ele gosta do He Xiaoyong.”

Xu Sanguan decidiu então ir a casa de Xu Yulan, segurando uma garrafa de licor de arroz e um volume de cigarros *Daqianmen*. Sentou-se em frente ao pai da rapariga, empurrou o licor e o tabaco para junto dele e, como uma torrente de água num dia de cheias, disse sem parar:

“Conheceste o meu pai? Era o famoso carpinteiro Xu. Enquanto estava vivo, só trabalhava para as famílias mais ricas da cidade. As mesas que fazia eram de uma qualidade insuperável, macias como seda. Sabes quem é a minha mãe? É a Jin Hua, conheces? Era aquela mulher muito bela do oeste da cidade. Antes, as pessoas chamavam-lhe “beleza do oeste”. Depois da morte do meu pai, ela casou com um comandante do Kuomintang e, quando ele fugiu, ela foi com ele. Fui o único filho do meu pai e não faço ideia se a minha mãe e aquele comandante tiveram filhos. Chamo-me Xu Sanguan e tenho dois primos mais velhos do que eu. Sou o terceiro mais velho da minha geração na família Xu, por isso o meu nome é Xu Sanguan⁵. Trabalho na fábrica de seda e, além de ser dois anos mais velho do que He Xiaoyong, comecei a trabalhar três anos antes dele. Assim, é óbvio que já juntei mais dinheiro. Para casar com a Xu Yulan, ele ainda vai ter de trabalhar alguns anos para poupar o dinheiro necessário, ao passo que eu já juntei o dinheiro para o casamento. Tenho absolutamente tudo preparado, só me falta o essencial — a noiva.”

Xu Sanguan continuou: “Xu Yulan é a tua única filha, se casar com o He Xiaoyong termina a linha da tua família. Sendo rapazes ou raparigas, os filhos dela vão ter o apelido He. No entanto, o meu

apelido é Xu. Se ela casar comigo, os nossos filhos, rapazes ou raparigas, terão o apelido Xu e, assim, a linha da tua família Xu terá continuidade. De facto, casando com a Xu Yulan é como se fosse eu a entrar para a tua família e não ela a entrar para a minha.”

Ao ouvir a última frase, o pai de Xu Yulan riu-se. Tamborilando com os dedos na mesa, olhou para Xu Sanguan e disse:

“Aceito a garrafa e o tabaco. O que disseste está correto, se a minha filha casar com o He Xiaoyong termina a linha da minha família. Mas se casar contigo, haverá descendência na linhagem de ambas as famílias Xu.”

Ouvindo a decisão do pai, Xu Yulan sentou-se na cama com algumas lágrimas a deslizar pela cara. O seu pai e Xu Sanguan estavam de pé junto à cama e viram-na passar as costas da mão pelos olhos para limpar as lágrimas enquanto gemia. O pai disse a Xu Sanguan:

“Estás a ver como são as mulheres? Quando estão felizes não sorriem, ficam a chorar.”

Xu Sanguan respondeu: “A mim não me parece que ela esteja feliz.”

Naquele momento Xu Yulan disse: “O que é que vou dizer ao He Xiaoyong?”

O pai respondeu: “Dizes-lhe que te vais casar e que o noivo se chama Xu Sanguan, não se chama He Xiaoyong.”

“Como é que eu lhe posso dizer uma coisa dessas? E se ele não aguenta e se manda de cabeça contra uma parede, o que é que eu faço?”

“Se ele se matar contra uma parede”, disse o pai, “não precisas de lhe dizer mais nada.”

Xu Yulan não conseguia deixar de pensar em He Xiaoyong, aquele homem que gostava de pousar uma mão sobre o outro pulso quando falava e que, quase todos os dias, aparecia sorridente em sua casa. Ainda poucos dias antes, trazendo na mão uma garrafa de licor de arroz, veio a sua casa e sentou-se com o seu pai a beber e a conversar, por vezes rindo às gargalhadas. Houve duas vezes em que, aproveitando o momento em que o seu pai saiu para ir à casa de banho pública na rua ao lado, a empurrou subitamente para trás da porta e, usando a força do seu corpo, pressionou-a contra a parede, o que deixou o coração da rapariga aos pulos de emoção. Na primei-

ra vez, além do violento batimento do coração, ela não sentiu mais nada de concreto. Na segunda vez, ela descobriu a barba de He Xiaoyong que, como uma escova, deslizava pela sua face.

E a terceira vez? Era o que pensava Xu Yulan, deitada na cama rodeada do silêncio da noite. Com o coração aos saltos, lembrou-se de ver o seu pai a levantar-se e a sair para ir à casa de banho pública. Em seguida, He Xiaoyong levantou-se de um salto, derrubando o banco onde estava sentado, e voltou a pressioná-la contra a parede.

Xu Yulan combinou encontrar-se com He Xiaoyong na ponte de madeira. Era já noite escura e, ao ver o rapaz, Xu Yulan começou a chorar aos soluços. Contou-lhe que um homem chamado Xu Sanguan a tinha convidado para comer *xiaolongbao* e lhe tinha ainda oferecido ameixas, doces e meia melancia. Disse-lhe que, depois de comer aquilo tudo, tinha de casar com ele. Reparando que vinha gente, He Xiaoyong disse com um tom de emergência na voz:

“Ei, não chores, não chores. Se as pessoas te veem a chorar, como é que achas que eu fico?”

Xu Yulan disse: “Paga os oito *jiao* e três *fen* de volta ao Xu Sanguan, assim não lhe fico a dever nada.”

He Xiaoyong respondeu: “Ainda não casámos e já queres que pague as tuas dívidas?”

Xu Yulan disse ainda: “He Xiaoyong, entra para a minha família, abdica do teu apelido. Senão o meu pai vai dar-me ao Xu Sanguan.”

He Xiaoyong respondeu: “Que disparate! Eu, He Xiaoyong, passar para a tua família? E todos os meus filhos teriam o apelido Xu... Nem pensar.”

“Nesse caso, o melhor é casar com o Xu Sanguan.”

Um mês mais tarde, Xu Yulan casou com Xu Sanguan. Ela pediu um *qipao* vermelho para vestir no casamento e ele ofereceu-lho. Ela pediu dois casacos forrados a algodão, um vermelho e um verde, para vestir no inverno e ele comprou-lhe dois pedaços de tecido, um vermelho e um verde, para ela coser os casacos quando tivesse tempo. Ela disse que a casa tinha de ter um relógio, um espelho, uma cama, uma mesa e bancos e ainda uma bacia para lavar a cara e uma sanita... Xu Sanguan disse que já tinha tratado de tudo.

Xu Yulan começou a sentir que, pesando bem as coisas, Xu Sanguan não era uma pior escolha do que He Xiaoyong. No que se re-

feria à aparência, era mais jeitoso do que He Xiaoyong, e trazia também mais dinheiro no bolso. Além disso, parecia ser ainda o mais forte dos dois. Assim, quando o seu olhar se cruzava com o de Xu Sanguan, começou a sorrir para ele e dizia:

“Olha que eu sou uma rapariga muito capaz, sou boa cozinheira e sei coser roupa. Tiveste muita sorte em casar comigo...”

Sentado no banco, Xu Sanguan sorria e acenava continuamente com a cabeça. Xu Yulan continuava:

“Não só sou bonita como sou uma mulher muito capaz. Daqui para a frente vou coser todas as tuas roupas e tratar da casa. Só aquelas tarefas mais pesadas, como ir buscar arroz ou carvão, é que tens de ser tu a fazer. Com o resto não tens de te preocupar. Vou cuidar bem de ti. Tiveste muita sorte, não foi? Porque não acenas com a cabeça?”

“Eu acenei, estive sempre a acenar”, disse Xu Sanguan.

“Ah!” Xu Yulan tinha-se esquecido de qualquer coisa e disse: “Ouve, quando chega aquela altura do mês, eu não posso fazer nada, nem mesmo lavar o arroz ou os legumes. Preciso de ficar a descansar. Nesses dias tens de ser tu a encarregar-te da casa, ouviste? Porque é que não estás a acenar com a cabeça?”

Acenando com a cabeça, Xu Sanguan perguntou-lhe: “Que altura do mês é essa? De cada vez, isso dura quanto tempo?”

“Ai, ah!”, exclamou Xu Yulan. “Não sabes qual é esta altura do mês?”

Abanando a cabeça, Xu Sanguan respondeu: “Não, não sei.”

“É o período.”

“Período?”

“Não sabes que as mulheres têm o período?”

“Ouvi falar nisso.”

“Eu estava a falar de quando estou com o período. Nesses dias não posso fazer nada. Não me posso cansar nem tocar em água fria, senão fico com dores de barriga e cheia de febre...”